

O Selo Postal como Meio de Divulgação Científica¹

The Postage Stamp as a Media for Scientific Divulgation

La Estampilla Postal como Medio de Divulgación Científica

Diego SALCEDO²

Resumo

Considera como pressupostos que o conhecimento científico constitui, cada vez mais, a concepção de ser-no-mundo, tanto do indivíduo quanto das coletividades, e que as imagens científicas têm sido utilizadas como um recurso discursivo que informa, comunica e interpela ambos, modifica seus mundos e têm profícuo papel na construção das realidades sociais. Revela, pois, algumas características da divulgação científica feita por meio de selos postais. Identifica nas emissões comemorativas brasileiras do século XX, 2.354 selos postais. A partir de uma proposta de categorização dos elementos verbovisuais, seleciona 104 selos, divididos em quatro categorias. Utiliza um selo de cada categoria para realizar uma leitura interpretativa. Conclui que os selos postais participam, assim como outros meios de comunicação, na divulgação da ciência.

Palavras-chave: Comunicação; Divulgação científica; Selo postal.

Abstract

Considers as assumptions that scientific knowledge is, increasingly, the conception of Being-in-the world of both the individual and collectivities, and that scientific images have been used as a discursive resource that informs, communicates and challenges both, modifies their worlds and have fruitful role in the construction of social realities. Reveals, therefore, some characteristics of science communication made through postage stamps. Identifies in the Brazilian commemorative issues of the twentieth century, 2.354 postage stamps. From a proposed categorization of verbovisual elements selects 104 stamps, divided into four categories. Utilizes one stamp from each category to make an interpretative reading. Concludes that the postage stamp participate, as well as other media, in the divulgation of science.

Keywords: Communication; Postage stamps; Science divulgation.

Resumen

Considera como presupuestos que el conocimiento científico constituye, cada vez más, la concepción del ser-en-el mundo tanto del individuo, como de las colectividades, y que las imágenes científicas son utilizadas como un recurso discursivo que informa, comunica y desafía a ambos, modifica sus mundos y tienen papel provechoso en la construcción de la realidad social. Revela, por lo tanto, algunas de las características de la comunicación científica realizadas por medio de las estampillas postales. Identifica en las emisiones conmemorativas brasileñas del

1 Trabalho apresentado à sétima edição da Revista Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura, publicação ligada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal do Paraná.

2 Doutor em Comunicação e Prof. no Dep. de Ciência da Informação da UFPE. E-mail: salcedo.da@gmail.com



siglo XX, 2.354 estampillas. A partir de una propuesta de categorización de los elementos verbo visuales selecciona 104 estampillas, divididos en cuatro categorías. Utiliza una estampilla de cada categoría para realizar una lectura interpretativa. Concluye que las estampillas participan, así como otros medios de comunicación, de la divulgación de la ciencia.

Palabras clave: Comunicación; Estampilla postal; Divulgación científica.

Introdução

Ao longo da história humana, a disseminação da informação científica acompanhou o desenvolvimento da produção do conhecimento. Durante o século XIX, paralelamente ao crescimento exponencial desse conhecimento, houve uma ampliação e aprimoramento das ferramentas de difusão dos saberes, que até hoje acompanham as comunidades científicas e as sociedades.

Afinal, sem divulgação, a comunidade permanece às cegas das descobertas relevantes no campo da ciência e da tecnologia, desconhece os pesquisadores e suas atividades e não acompanha os trabalhos desenvolvidos nas instituições de pesquisa. Logo, a comunicação científica tem um relevante papel social, tanto para o progresso da ciência como para o amadurecimento social. Na mesma direção, Gomes e Salcedo (2005, p. 81) afirmam:

Comunicar conhecimentos gerados nas instituições de pesquisa é difundir informações para que a comunidade científica possa desenvolver e aprofundar os conhecimentos e também para que a sociedade tome ciência do papel desses conhecimentos na melhoria de sua qualidade de vida. Nesse sentido, tanto a disseminação quanto a divulgação da ciência são relevantes para essa difusão.

É imperativo e relevante que todo e qualquer suporte disponível seja utilizado para contribuir, cada qual à sua forma, no desenvolvimento de modelos de divulgação científica. Dentre os diversos e distintos suportes que podem servir a esse propósito está a documentação filatélica, que inclui o selo postal do tipo comemorativo. Antes de prosseguir, cabe um posicionamento a respeito da divulgação científica, a saber: ela pode ser considerada um tipo de prática social que cria as condições de possibilidade do debate público com o intuito de superar as fronteiras entre o discurso científico e o conhecimento popular, preferencialmente, em um modelo de retroalimentação ininterrupto.

Esse pequeno pedaço de papel elimina distâncias, preserva, na forma de texto e de imagem, com criatividade, uma possível história da humanidade. Resgata, pois, na forma de documento temático, as pessoas e suas feituras, efemérides, eventos, símbolos (locais, nacionais e internacionais), celebrações, costumes, tradições, processos e o tempo (memória), de forma particular e geral. Funciona como um elo entre os indivíduos, seu processo histórico e

os diversos e distintos conhecimentos. Salcedo (2008, p. 5) sugere que as informações “textuais e pictóricas” registradas nesses pequenos artefatos culturais constituem-se de discursos de conteúdo endógeno e exógeno, que passam despercebidos ao leitor comum que, por sua vez, apenas os identifica como taxas devidas ao Correio para envio de missivas postais. Por outro lado, afirma Altman (1991, p. 4, tradução nossa): “selos tornaram-se úteis artefatos ideológicos e culturais, e recurso para governos [...] promoverem certa imagem doméstica e internacional”.

Assim, a proposta deste artigo é analisar os selos postais comemorativos brasileiros emitidos no século XX e de que forma os elementos verbovisuais contribuem à comunicação ou à veiculação de informações científicas. Para tanto, tomamos a imagem como objeto de estrutura significante que viabiliza a construção de sentidos. Entendemos que a interface imagética possibilita ao leitor a compreensão de que os elementos verbovisuais ali presentes apontam para a relevância das atividades científicas, suas conquistas, seus méritos e, por vezes, seus malefícios, e para os atores e as instituições sociais envolvidos nessa específica esfera das sociedades.

O selo postal brasileiro

Como efeito do nascimento do selo postal na Inglaterra de 1840 e a expansão de sua utilidade para além desse continente deriva o início da utilização do mesmo no Brasil. Mas essa assertiva é a que menos importa. Não foi apenas porque alguém selou alguma correspondência e a enviou às terras do Brasil que ao selo postal lhe foi atribuída a sua função primeira na neófita república. Altman (1991, p. 8, tradução nossa) defende que “instado por um cônsul astuto em Londres, Brasil foi o primeiro país a seguir a Inglaterra”. Segundo Almeida e Vasquez (2003, p. 23) foram “as estreitas relações comerciais e políticas entre o Império brasileiro e o britânico [que] no período favoreceram a absorção quase que imediata da novidade entre nós”.

Nagamini (2004, p. 156) relata que “com a derrota de Napoleão, não havia motivos para a permanência de Dom João no Brasil, pois Portugal era governado por uma junta inglesa sob o comando do Marechal Beresford”. Marson, (1989, p. 74) afirma que o Brasil “cedeu a uma parte das exigências britânicas, pois estas beneficiavam, em parte, os negócios de certos empresários brasileiros”. Assim como na Inglaterra, a emissão do primeiro selo postal adesivo, no Brasil, foi problemática. Também como ocorreu além-mar, pessoas vinculadas ao império estavam engajadas em elaborar uma estampa que representasse, satisfatoriamente, o Império. Eram funcionários ou encarregados de instituições vinculadas ao império, como, por exemplo, a Casa da Moeda, a Diretoria Geral dos Correios do Império, a Secretaria de Estado do Império etc.

Podemos afirmar que, nesse sentido, um pequeno Brasil impele um grande Brasil por meio das estampas impressas nos selos postais. Essa prática de exercer o poder, seja ele político ou econômico, não começou com os selos e nem com eles terminou. Um seleto grupo

de pessoas cultas e elitizadas centralizava as suas ideologias e visava a uma unidade política. Nos termos de Scott (1997, p. 735, tradução nossa), seria adequado entender que o selo postal tem uma “densidade ideológica, por centímetro quadrado, maior que qualquer outra forma de expressão cultural midiática”. O surgimento desse artefato teve como uma de suas causas as disputas político-econômicas e não sem problemas:

na Inglaterra usam a efígie da rainha com o valor da respectiva taxa [...]. Entre nós, além de impróprio, pode dar lugar a continuadas falsificações: usa-se, aqui, por princípio de dever e respeito, pôr a efígie do monarca só em objetos perduráveis ou dignos de veneração, e nunca naqueles que, por sua natureza, pouco tempo depois de feitos têm de ser necessariamente inutilizados (SCOTT, 1997, p. 735, tradução nossa).

No dia 1.º de agosto de 1843 os Correios do Império colocaram em circulação, na Corte, os três primeiros selos postais brasileiros conhecidos como “Olhos-de-Boi”. Esses documentos foram desenhados por Carlos Custódio de Azevedo e Quintino José de Faria, impressos pela Casa da Moeda do Brasil em talho-doce, sem denteação, tendo como base chapas de cobre. Podemos destacar dois elementos verbovisuais: a cifra, sem coloração e com pequenos detalhes estéticos (números ornamentais) e, também, um fundo arabescado preto em forma elíptica. O Decreto que possibilitou essa emissão e, também a sua regulamentação, foi o de n.º 255, publicado em 29 de novembro de 1842.



Figura 1: *Olho-de-Boi*, de 30, 60 e 90 Réis. 1.º selo postal brasileiro (1843).

Fonte: coleção particular do autor.

É importante perceber que o Brasil, no período imperial, emitiu selos postais adesivos em um padrão que utilizou apenas cifras. Disso podem resultar duas observações: a emissão de selos postais brasileiros, de 1843 até 1866, não seguiu um acentuado padrão internacional de estabelecer seu lugar de sujeito falante, por meio das efígies dos soberanos, dos brasões e escudos de armas e dos nomes dos países propriamente ditos. Essa escolha manteve o Brasil, a partir de um olhar atento sobre esses documentos, no anonimato, visto que suas emissões

não tinham tipo algum de simbologia que remetesse ou representasse o império. Após 23 anos imprimindo selos com um padrão de cifras, na Casa da Moeda do Brasil, o Império decidiu por encomendar à empresa American Bank Note, de Nova York, a impressão de selos com a efígie de D. Pedro II, com o intuito, segundo Almeida e Vasquez (2003, p. 66), de “fortalecer e legitimar a figura do monarca”.

A expansão do comércio nacional e internacional, as revoluções separatistas das colônias, os avanços tecnocientíficos, a explosão do uso de correspondências e o aumento do comércio estritamente filatélico foram algumas das causas que impulsionaram os governos a olhar mais atentamente para os selos e verem, ali, uma possibilidade de instrumentalizar o potencial de propaganda e comunicação dos Estados. Esse foi o contexto de emergência do selo postal do tipo comemorativo.

Uma das principais razões para a expansão desenfreada da produção, da circulação e do uso do selo postal comemorativo foram as revoluções que acarretaram a independência das colônias, principalmente europeias. Ninguém imaginava que uma das primeiras atitudes dessas novas repúblicas seria veicular, por meio de selos postais comemorativos, o seu grito de liberdade. Pois assim foi, como nos é contado por Ferreira (2003, p. 25):

o selo é um dos símbolos da soberania de um Estado, é natural que ele evidencie, igualmente, seu regime político, sobretudo quando, por motivos históricos, esse regime se modifício. Natural é, portanto, que uma monarquia que se torna república não continue a gravar nos seus selos a efígie do seu monarca reinante.

Mas não foi apenas isso. Os governos republicanos e as colônias que se independizavam, utilizavam o selo postal comemorativo como um texto de divulgação das tradições e da identidade nacional, em constante diálogo com outras textualidades, como as cerimônias, a documentação oficial do Estado, os currículos escolares, as cédulas, as moedas, os cartões-postais, as fotografias, os discursos políticos, a construção de monumentos, as edificações etc. Assim defende Le Goff (2006, p. 458):

a comemoração apropria-se de novos instrumentos de suporte: moedas, medalhas, selos de correio multiplicam-se. A partir de meados do século XIX, aproximadamente, uma nova vaga de estatuária, uma nova civilização da inscrição (monumentos, placas de paredes, placas comemorativas nas casas dos mortos ilustres) submerge as nações europeias.

Assim, os elementos verbovisuais dos selos comemorativos foram sendo modificados paulatinamente. Talvez seja prudente e didático separar essas mudanças em dois momentos. De início, como afirma Marson (1989, p. 83), “predominam representações alegóricas e retratos

oficiais de presidentes ou de pessoas notáveis". Alegorias, essas, que transmitem os símbolos materiais de novos regimes, em sua maioria repúblicas, como, por exemplo, afirma Scott (1998, p. 302, tradução nossa), em que "boa parte do selo é devotado ao perfil da Marianne, símbolo de Liberdade, da República Francesa e do país França". Esses poucos e repetidos elementos, nos quais já era possível identificar algumas recorrências temáticas³, aludiam a certos tipos de eventos, jubileus, algumas paisagens, pessoas poderosas e, decerto, mensagens claramente ideológicas.

O momento seguinte pode ser identificado pelo acréscimo de recorrências temáticas que não aludiam, apenas, aos elementos verbovisuais já mencionados. É a partir desse segundo momento que a possibilidade de identificação das recorrências temáticas mostra quantidade e qualidade satisfatórias à análise pretendida: a ciência como um dos motivos das emissões dos selos postais. No Brasil, os primeiros selos comemorativos foram emitidos para celebrar os 400 anos da chegada dos portugueses ao país. Foram emitidos no dia 1.º de janeiro de 1900, por sugestão da Associação do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil.



Figura 2: Os primeiros quatro selos comemorativos brasileiros emitidos em 1900.

Fonte: coleção particular do autor.

3 As recorrências temáticas são as mais variadas possíveis: fauna, flora, esportes individuais e coletivos, espaços públicos e privados, instituições, encontros locais, regionais, nacionais e internacionais, tecnologias, brincadeiras, jogos, campanhas preventivas, campanhas publicitárias, conflitos, independências, minorias e personalidades.



As quatro imagens, de certa maneira, celebravam justamente um sentimento que os republicanos queriam que o povo percebesse. Uma trajetória de liberdade no Brasil, refletida por meio de quatro eventos significativos ou, como sugere Marson (1989, p. 83), “punha-se em relevo que a República coroava uma trajetória de liberdade no Brasil”. Outrossim, e para além da leitura histórico-mnemônica, a partir do advento do selo postal comemorativo é possível identificar, analisar e interpretar discursos científicos, o que será tratado nas seguintes seções.

Apontamentos teórico-metodológicos⁴

A primeira aproximação com o nosso objeto foi feita por meio do Catálogo de Selos do Brasil ou RHM (1993; 2008). O Catálogo RHM é a principal obra de referência do Brasil, com publicação anual, utilizada por colecionadores e comerciantes de documentos filatélicos brasileiros. Nele, são catalogadas as informações sobre todos os documentos filatélicos emitidos pelo Brasil, desde 1843 até os dias atuais, incluindo os documentos pré-filatélicos. O grande trunfo do catálogo RHM foi a elaboração dos códigos identificadores que acompanham cada tipo de documento filatélico produzido no país.

A partir daí, tomamos por base uma categorização proposta por Jones (2001, p. 406, tradução nossa), em que a imagem científica foi caracterizada sob seis aspectos distintos: “cientistas específicos (célebres); cientistas de natureza diversa (pesquisadores anônimos); instituições científicas; equipamentos científicos; fenômenos naturais; símbolos científicos diversos (fórmulas, nomenclaturas científicas etc.)”, e assim chegamos à nossa proposta que tem quatro categorias: *cientistas, instituições científicas, encontros científicos e símbolos científicos*. Entre 1843 e 2000, o Brasil emitiu 5.639 documentos filatélicos. Esse levantamento levou em consideração, apenas, as informações disponíveis no Catálogo RHM e os selos postais comemorativos. Essa amostra soma 2.354 selos. A partir da observação e da identificação das recorrências dos elementos verbovisuais da amostra compilamos 104 selos que formaram o *corpus* ampliado.

Ao tomar como parâmetro as grandes áreas do conhecimento estabelecidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) a área mais citada foi Ciências da Saúde, seguida pelas Ciências Sociais Aplicadas, Engenharias, Ciências Exatas e da Terra e, por fim, Humanas. A subárea mais contemplada foi Medicina, seguida por Geografia, Engenharias diversas, Direito, Comunicação Social e Urbanismo. Uma característica do *corpus* é dominante: a questão de gênero. Nenhuma mulher, brasileira ou estrangeira, foi homenageada nos selos postais comemorativos brasileiros emitidos no século XX. Essa constatação oferece campo à argumentação de Chassot (2007, p. 88), ao afirmar que “usualmente não se valorizam significativamente as contribuições científicas femininas”.

4 Parte deste capítulo diz respeito ao conteúdo tratado por Salcedo (2010).



Outro aspecto diz respeito à nacionalidade das personalidades ilustradas nos selos postais. Vinte e sete selos homenageiam cientistas nacionais. Além disso, um cientista norte-americano, três alemães e dois franceses aparecem no *corpus*. A ilustração de cientistas internacionais constitui um discurso legitimador, por parte do Estado brasileiro, com relação à práxis científica internacional, que é baseada no reconhecimento dos pares e na produção cooperativa. Altman (1991, p. 46-47, tradução nossa) explica que a “modernização também é reconhecida amplamente nas emissões que ilustram certos cientistas”.

Outra característica está relacionada com a emissão de selos alusivos às espécies da fauna e da flora nacionais, além de alguns minerais. Esse tema ganhou rápida repercussão nacional e internacional no âmbito do colecionismo e do comércio filatélico. Esse tipo de selo apresenta um elemento verbal muito particular: a nomenclatura científica da espécie ou do mineral. O fato de a taxonomia aparecer junto às espécies ou aos minerais não indica, necessariamente, que o selo está difundindo ciência, e, sim, simplesmente nomeando esses elementos. Se considerarmos a afirmação de Altman (1991, p. 63, tradução nossa), ao sugerir que “a maioria dos governos deu início ao uso de representações simbólicas da nação no *design* do selo postal”, podemos afirmar que isso inclui a utilização da imagem de animais, vegetais e minerais característicos de um país. Essa composição tem mais a dizer sobre a construção ou o estabelecimento de uma identidade nacional do que, propriamente, difusão científica. Por essa razão, os selos com essa especificidade não foram incluídos no *corpus* ampliado. A figura 3 trata sobre o comportamento da frequência das emissões nacionais de selos postais comemorativos em intervalos de dez anos.

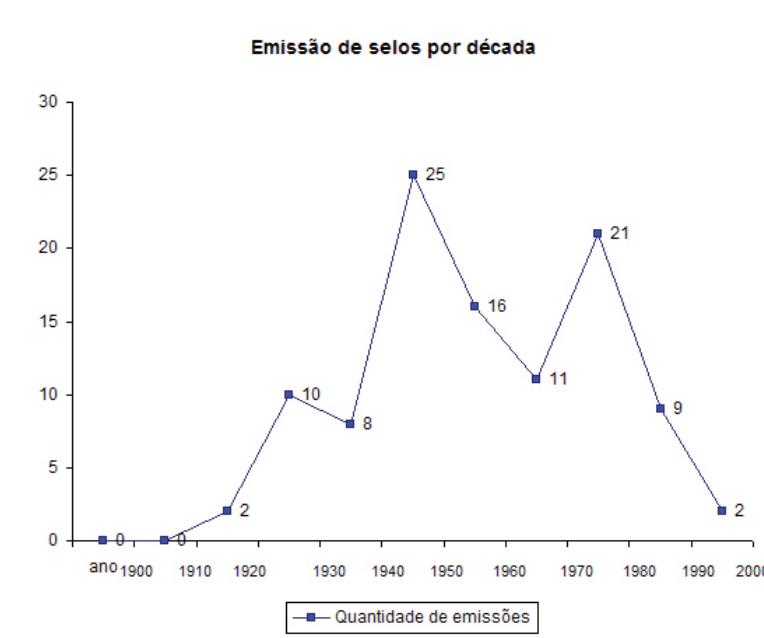


Figura 3: Quantidade de selos emitidos (*corpus ampliado*) por décadas.

A análise da Figura 3 permite afirmar que na primeira década do século XX não houve emissões de selos com as características de nossa amostra. A partir dos anos 20 até a década de 80 há uma tendência ascendente, com as suas devidas oscilações, de como foi difundido um discurso científico pelo Estado às sociedades brasileira e internacional. Por sua vez, do final dos anos 1980 até o ano 2000 houve uma queda vertiginosa da emissão de selos com discurso científico. Uma das razões dessa queda é a emissão de selos em blocos comemorativos, justamente uma tipologia que não foi considerada nas nossas análises.

As preocupações que ocupavam os discursos da época podem ser resumidas nas palavras de Eusébio de Queiroz (*apud*, MOTOYAMA, 2004, p. 255), reiterando a necessidade de os poderes públicos ampararem a ciência brasileira:

Julgamos ser fundamental, para apressar esse progresso, o cultivo de todos os ramos da ciência, fator que não tem sido até agora reconhecido com segurança pelos responsáveis pelos destinos do país. O nosso progresso econômico está em estreita dependência com o valor de seus homens de ciência. Precisamos trabalhar no sentido de ampliarmos os meios da cultura científica no país.

O governo de Getúlio Vargas entendeu o recado. Por essas e outras causas podemos encontrar, nos selos postais comemorativos, emitidos entre 1930 e 1980, uma tendência de ilustrar elementos que caracterizam o discurso no domínio científico. Por exemplo, na década de 30 vários *encontros científicos* foram difundidos por meio dos selos postais comemorativos: 4.º Congresso de Arquitetura, 1.º Congresso Nacional de Aeronáutica, 1.º Congresso Nacional de Direito Judiciário, 2.ª Conferência Sul-Americana de Radiocomunicações, 1.ª Reunião Sul-Americana de Botânica etc.

A década de 40 manteve uma frequência de emissões parecida com a década de 30. No entanto, a partir de 1950 identificamos um grande número de emissões referentes aos *encontros científicos* e *cientistas*. A partir da década de 60 até os anos 80 houve uma diminuição na frequência de emissões relacionadas aos *encontros* e *instituições científicas*, mas, por outro lado, os *cientistas* são amplamente veiculados. Na década de 80 até os anos 90, as *instituições* voltam como motivo principal do discurso científico do Estado brasileiro.

Feitas essas análises e devido à recorrência dos elementos verbovisuais identificados no *corpus* ampliado, um selo de cada uma das quatro categorias listadas a seguir foi escolhido, de forma aleatória, para ser analisado detalhadamente, o que resultou no *corpus* restrito (quatro selos).



Primeiro Olhar - *Categoría Símbolos*



Figura 4: exemplar que representa a categoria “símbolos”.

Fonte: coleção particular do autor.

O que nesse selo postal pode ser descrito? Seguindo o enfoque sugerido por Barthes (1990), existem três tipos de mensagem nesse selo postal. A linguística (verbal), a denotada (ícone ou visual) e a conotada (simbólica ou socialmente construída). No caso desse selo existem duas mensagens linguísticas na margem: a *frase-motivo*, propriamente dita, “Antártida – Primeira Expedição Brasileira – Verão 82/83”, e o nome do autor do desenho: “Jorge Eduardo”. Dentro do quadro estão, no canto superior direito, o valor facial (cifra), “150,00”, e, no canto inferior esquerdo, o nome do país emissor, “Brasil”, ao lado do ano de emissão, “83”. Esse é, por definição, um modelo padrão de emissão de selo postal comemorativo. A inscrição desses elementos é obrigatória para todos os selos comemorativos, conforme normas internacionais estabelecidas nas sessões da União Postal Universal (UPU).

Para além dos padrões internacionais e, diferentemente do que ocorre com outras tipologias filatélicas, pode ser observado que os elementos verbais “Brasil” e “83” estão destacados em negrito, sobre o fundo branco de gelo. O “Brasil” confirma a presença do enunciador (Estado brasileiro) e especifica uma atividade realizada, na Antártida, por brasileiros ou pelo Brasil. A impressão do nome do país emissor, em destaque, é uma forma de o sujeito da enunciação estar presente, mas, também, porque o selo postal comemorativo circula o mundo, de projetar seu discurso nacionalista aos outros países.

Todavia, o artista que elaborou a ilustração também consta na peça. Com o detalhe de que ele fica com o nome bastante reduzido e fora da ilustração, em um contraste direto com “Brasil”. Existem, então, um sujeito enunciador e um narrador assumido (o artista que cria

os elementos verbovisuais é, em si, um enunciador projetado), com o enunciador “Estado” sobrepondo sua voz ao enunciador projetado (artista) por meio de destaque gráficos e expressivos (cor, tamanho de fonte e localização geográfica na ilustração). A abreviação do ano de emissão “83” (em vez de 1983) é uma convenção e tem relação direta com o espaço destinado à ilustração do selo.

No plano denotativo, a cifra “150,00” e “Brasil 83” são elementos referenciais de valor, espaço e tempo, respectivamente. Com relação à cifra, algumas considerações são possíveis: a falta do símbolo da moeda corrente ao lado da cifra (Cruzeiro = Cr\$) pode ter relação com a questão do espaço, mas, também, com uma decisão político-econômica interna da Casa da Moeda ou, ainda, com alguma especificação no Ato Normativo. De fato, podemos dizer que a invisibilidade do signo “cifrão” é compensada pela semelhança gráfica - negrito - dada ao valor facial e ao nome Brasil. Por estarem, ambos, em negrito, sugere uma relação do país com sua moeda corrente.

Ainda sobre a cifra, “150,00” é um altíssimo valor se comparado aos outros selos emitidos no mesmo ano, em que a média do valor facial ficou entre 30,00 e 45,00 cruzeiros. Logo, que tipo de missiva postal custaria 150,00 cruzeiros em 1983? Quem teria condições de pagar esse porte postal? Decerto os colecionadores e os comerciantes filatélicos, como sugerem Almeida e Vasquez (2003, p. 139): “Comerciantes filatélicos aguardavam nos guichês das agências especializadas dos Correios à abertura dos trabalhos no dia do lançamento de novas emissões, adquirindo folhas inteiras, que seriam depois desmembradas para venda dos selos isoladamente”.

A hegemonia nacional, o discurso político-econômico e o discurso simbólico tecnocientífico são o *punctum* desse artefato. Decerto, todos os elementos linguísticos (verbais) que foram explicados têm uma função de auxiliar na compreensão dos outros elementos, sejam eles denotativos ou conotativos. Nesse selo postal, a *frase-motivo* funciona tanto no sentido de explicar de que trata a imagem (*ancoragem*) quanto de complementar (*relais*). A maneira como o selo postal foi concebido instiga e manifesta não apenas o imaginário sobre um lugar-espelho geográfico (Antártida, Polo Sul, lugar frio e inóspito), ou sobre a presença da nação brasileira nesse lugar (afirmação internacional da soberania brasileira), como também os investimentos do Estado em tecnologia para conseguir essa soberania e por meio da ação.

A Antártida, por ser um local distante, desconhecido, inóspito e praticamente inatingível para a maioria das pessoas, exerce um fascínio sobre elas. Talvez, por isso, essa imagem retrate um momento de céu claro e mar calmo, sugerindo uma expedição sem infortúnios, o que é uma exceção, além de mostrar um pouco da fauna local. A claridade e a paz nessa imagem escondem o não dito: território desconhecido, perigoso, com ambiente climático desfavorável à vida urbana etc. A composição e a harmonia entre os diversos símbolos impressos nesse



selo postal comemorativo, e seguindo os critérios estabelecidos neste trabalho, possibilitam-nos afirmar que esse selo difunde elementos que caracterizam um domínio discursivo científico ou uma científicidade.

Segundo Olhar - *Categoria Cientistas*



Figura 5: exemplar que representa a categoria “cientistas”.

Fonte: coleção particular do autor.

Essa peça, emitida em 13/11/1943, ao contrário dos demais selos que compõem o *corpus* restrito, foi elaborada com uma única cor (monocromático em tom de verde). Assim era impressa boa parte dos selos comemorativos brasileiros, entre 1900 e 1967. A partir da segunda metade da década de 60 é possível perceber uma mudança com relação à utilização de impressões policromáticas. Em contraste ao fundo verde alguns elementos verbais estão em branco: “BRASIL CORREIO”, “40” e “CENTENÁRIO BARBOSA RODRIGUES”; por sua vez, “CENTAVOS” e “1842-1942” estão em negrito. Esse selo não tem informações entre a margem e os picotes. Outra característica marcante das emissões comemorativas até meados dos anos 50.

O valor facial reduzido de 40 centavos, ao contrário do selo anterior, busca a circulação interna, no Brasil. O tamanho da cifra sugere que o custo baixo do selo é o que deve ser visto primeiro, garantindo, assim, sucesso na sua circulação e geração de receita para o Estado. Esse tamanho de cifra é até mais relevante do que o próprio nome do país ou o motivo da emissão, ambos escritos em letras maiúsculas. Outro aspecto dos selos postais brasileiros que só vai diminuir nos anos 50.

Um detalhe que viabiliza a afirmação da circulação postal nacional diz respeito à linguagem utilizada nos elementos verbais em geral. Todos eles estão em língua portuguesa, incluindo o nome do homenageado, destacado na margem inferior em letras brancas e maiúsculas.



Dificilmente esse selo suscita interesse no cenário internacional, posto que a língua torna-se uma barreira forte. Esse selo comemora cem anos de nascimento de uma pessoa chamada Barbosa Rodrigues (1842-1909). A referência a esse período de tempo está nos elementos verbais “CENTENÁRIO” e “1842-1942”. O selo não especifica quem era ele (não indica seu nome completo) ou em qual área de conhecimento ele atuou. O fato de ser homenageado em um selo postal, pelo Estado brasileiro, no mínimo, permite-nos afirmar que teve, em sua prática profissional, certa relevância. Duas reflexões são possíveis a partir dessa assertiva.

Por um lado, os colecionadores e as pessoas que não atuam na mesma área de conhecimento teriam que, necessariamente, utilizar um Catálogo de Selos, nacional ou internacional, para descobrir quem ele foi e em que área de conhecimento atuou. Assim, em Meyer (1993, p. 178), descobrimos que esse selo ilustra um desenho de “João Barbosa Rodrigues”, atuante nas áreas de “Botânica e Bacteriologia”. Além disso, observamos que esse selo foi desenhado pelo artista R. Trompowski.

Por outro lado, mesmo que a *frase-motivo*, por si, não indique um discurso científico, o conjunto das figurativizações indica elementos desse tipo de discurso. Uma paisagem natural ao fundo, com árvores e água, indica o local de pesquisa das pessoas que atuam nas ciências naturais (Botânica); um microscópio apoiado sobre os galhos de uma planta com flores; uma mesa, sobre a qual um homem, bem apresentado, simula uma ação de escrita; o uso de papel e lápis, tecnologias necessárias à prática científica; todos esses elementos visuais constituem um sentido que indica a científicidade da pessoa homenageada no selo.

Dois elementos, em especial, caracterizam um discurso científico: o microscópio (um signo culturalmente reconhecido na prática científica e que remete a práticas em laboratórios, salas de aula e institutos de pesquisa) e o próprio cientista e a cena de enunciação da qual ele participa (a paisagem retrata a Amazônia, local de trabalho desse botânico; a planta que sustenta o microscópio é uma orquidácea, espécie estudada por esse cientista). Podemos perceber que o quadro foi montado no sentido de indicar que esse cientista, como geralmente os botânicos fazem, está trabalhando ao ar livre, pronto para desvendar os segredos da natureza ao fundo. Lichacowski (1958, p. 5) explica: “...botânico brasileiro, que fez estudo no Vale do Amazonas, escritor da obra ‘Iconographie des Orchidées du Brésil’, que o tornou célebre”.

Nessa imagem, também percebemos um gênero de caricatura, identificado por meio dos pequenos desenhos que lembram figuras simpáticas e alegres. Elas estão ilustradas nas margens direita e esquerda inferior. Todos os elementos verbovisuais compõem uma totalidade coerente de sentido, predeterminada por uma temática específica (ou motivo de emissão): comemorar o centenário de um cientista brasileiro. Por fim, a composição verbovisual nesse selo nos permite afirmar que o Estado brasileiro enaltece, não apenas o homem-cientista, mas um discurso científico.

Terceiro Olhar - *Categoria Encontros*

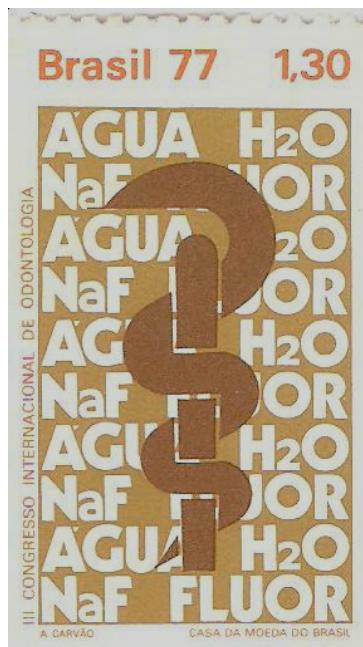


Figura 6: exemplar que representa a categoria “encontros”.

Fonte: coleção particular do autor.

Esse selo comemorativo tem o mesmo padrão utilizado por todos os tipos comemorativos dos anos 70 em diante. Essa imagem trata especificamente da divulgação de um evento científico, por meio da expressão entre a margem e os picotes: “III CONGRESSO INTERNACIONAL DE ODONTOLOGIA”. Na margem inferior estão o nome do artista, “Aluísio Carvão”, e o nome da casa impressora, por extenso, “Casa da Moeda do Brasil”.

Os elementos “Brasil”, “77” e “1,30”, seguem o mesmo padrão de análise dos selos anteriores. Nesse caso, o Brasil legitima junto à comunidade internacional o seu interesse e a sua participação efetiva na área odontológica. Os termos “CONGRESSO” e “ODONTOLOGIA”, propriamente ditos, cumprem a função de difusão científica, pelo menos no que diz respeito a uma das práticas dos cientistas: aquelas em que se reúnem para refletir e discutir sobre as áreas de conhecimento (Congresso), nesse caso a Odontologia (Ciência da Saúde).

O que salta à vista são as figuras centrais da imagem. Os elementos “água” e “flúor” também mantêm uma relação direta com a área odontológica. Esses elementos são culturalmente conhecidos, pelos brasileiros, uma vez que as palavras estão escritas em língua portuguesa, como partícipes do discurso dos dentistas.

O mesmo não pode ser dito das fórmulas químicas que acompanham esse discurso: “H₂O” e “NaF”. Apesar de sua relação direta com as palavras água e flúor, respectivamente,



pois é isso que essas nomenclaturas químicas indicam, apenas quem teve condições de estudar química saberia disso. Por outro lado, e isso é mais particular ainda aos dentistas, aos estudiosos da área e àqueles que com eles convivem, a figura central é o símbolo adaptado da área específica de Odontologia. Trata-se do Caduceu de Esculápio com uma serpente enrolada da direita para a esquerda, oficializada pelo Artigo nº 275 da “Consolidação das Normas para Procedimentos nos Conselhos de Odontologia”.⁵

Os elementos verbovisuais utilizados nesse selo reforçam e legitimam a área odontológica e a colocam, junto ao público, no mesmo patamar científico que qualquer outra área. Uma luta política entre médicos e dentistas e que, atualmente, ainda vigora. Todos esses elementos contribuem para que se difunda o evento, em particular, e a área odontológica, em geral, fora do ambiente acadêmico-profissional. Esse selo difunde elementos discursivos do campo científico para um público heterogêneo, nacional e internacional.

Quarto Olhar - *Categoria Instituições*

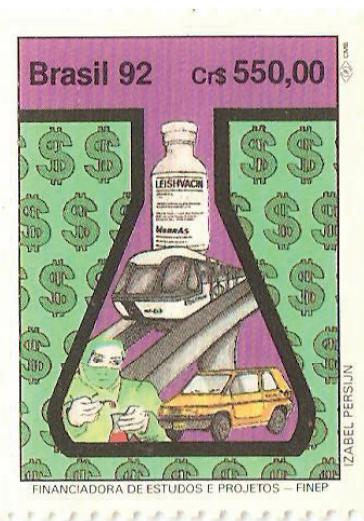


Figura 7: exemplar que representa a categoria “instituições”.

Fonte: coleção particular do autor.

Esse selo foi emitido com a intenção de homenagear uma das maiores agências de financiamento de pesquisas no Brasil: Financiadora de Estudos e Projetos (Finep). “Promover o desenvolvimento econômico e social do Brasil por meio do fomento público à Ciência,

5 O Artigo nº 275 da “Consolidação das Normas para Procedimentos nos Conselhos de Odontologia” especifica (1993, informação eletrônica) que o símbolo “conterá o Caduceu de Esculápio, na cor grená, com a serpente de cor amarela com estrias pretas no sentido diagonal, enrolando-se da esquerda para a direita e o conjunto, circunscrito em um círculo também na cor grená, contendo as seguintes dimensões e proporções”.

Tecnologia e Inovação em empresas, universidades, institutos tecnológicos e outras instituições públicas ou privadas”⁶ é a missão institucional desse órgão vinculado ao Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI).

Nesse caso, bastaria observarmos a *frase-motivo* para incluirmos esse artefato na categoria de *instituições científicas*. Os demais elementos verbais, externos ao quadro, como o nome da artista Izabel Persijn (Maria Izabel Spézia Persijn) e os dois símbolos, “logomarca” e “CMB”⁷, não têm ligação com essa categorização. Por outro lado, a composição denotativa dessa interface é inteligente e intrigante. Os elementos visuais se mesclam com alguns verbais no que poderíamos chamar de *a destilação da pesquisa científica nacional*. Por quê? Ora, os elementos padrões “Brasil” e “Cr\$”, além do valor facial “550,00”, constituem o fator de legitimidade, credibilidade e determinação desse processo de destilação.

Estão fora do Balão de Erlenmeyer (a figura central, que está preenchida por figurativizações daquilo que é partícipe e produto das atividades de pesquisa nacional), um frasco branco com inscrições em rótulo, o que remete ao uso de substâncias químicas ou aos fármacos; um trem de *design* arrojado sobre trilhos elevados, o que remete à inovação tecnológica que o país desenvolve na área de transporte urbano público; um automóvel, outro produto tecnológico que não para de sofrer alterações inovadoras e, por fim, a figura de uma pessoa, protegida com roupas especiais para o tratamento de substâncias tóxico-químicas, que, por sua vez, segura em suas mãos uma pipeta e um pequeno frasco de análises químicas (Balão de Erlenmeyer).

Todos esses elementos visuais que estão dentro do Balão de Erlenmeyer são objetos de um discurso científico voltado para uma ação de inovação, de processo contínuo de desenvolvimento e progresso nacional. Não poderíamos deixar de fora a observação de que tudo isso está demarcado sob um fundo lilás. No entanto, esse processo de destilação da inovação nacional depende de financiamento.

Sendo assim, o fato que torna essa imagem-motivo intrigante é a parte externa ao suposto frasco: a representação gráfica do cifrão, cujo símbolo é (\$), associado ao contexto monetário/financeiro de diversos países. A coloração verde é bastante sugestiva, ao indicar que esses cifrões remetem ao dinheiro brasileiro. O que fica legitimado pelo elemento “Brasil”. Temos, assim, uma composição harmônica bem ordenada. Os elementos visuais dessa composição ancoram fortemente o discurso científico do Estado, projetado sobre a Finep.

A Finep ganha visibilidade e acolhimento junto aos setores poderosos do Estado e da sociedade como um núcleo simbólico de prosperidade tecnocientífica. A grande quantidade de cifrões afasta a possibilidade de que as pessoas comuns sintam-se parte do fazer científico

6 Disponível em: <<http://www.finep.gov.br/>>. Acesso em: 12/01/2010.

7 De 1992 até meados de 2001, os selos postais comemorativos, emitidos no Brasil, tiveram a inclusão de uma logomarca da Casa da Moeda do Brasil, ao lado da abreviatura desse nome: CMB.

nacional, visto que um discurso econômico é situado de forma extravagante, dissimulando contrapontos entre si e o discurso de difusão de ciência.

Esse selo, apesar de difundir a Finep para um público heterogêneo nacional e internacional, chega com muito mais apreciação e clareza para um público homogêneo e detentor de um poder socioeconômico muito distante do de outras esferas sociais. Sobre o discurso analisado nesse artefato vale a pena perguntar: em que consiste e para quem é a inovação de produção tecnocientífica se não chega a todos os recantos da sociedade?

Considerações finais

Em geral não damos o devido valor a um selo postal. No nosso corrido e ocupadíssimo cotidiano, encaramos esse artefato apenas como um pequeno e insignificante fragmento de papel descartável que indica a taxa a ser cobrada ao remetente de uma correspondência. Esse pequeno pedaço de papel, por vezes, nem chega a ser percebido como um documento propriamente dito, mas ele é.

O seu processo de construção tem um início, meio e fim. Além de um valor ou de uma função social atribuído pelo Estado, é ele quem indica a tarifa corrente às comunicações postais. Mas não apenas isso. É um artefato documental que percorre o mesmo sistema de produção capitalista como qualquer outro objeto tecnológico, proveniente dos regimes sócio-político-econômicos trazidos à tona no pretérito europeu.

O Estado, ao produzir selos postais comemorativos, contribui para a possibilidade de que ocorra um processo de assujeitamento. Os sujeitos que constituem o tecido social, particularmente aquele de interação com o regime de informação do selo postal, assumem os discursos institucionais possíveis conforme o seu trânsito, mas percebemos esses sujeitos como elementos participativos e atuantes do processo comunicativo. Agentes partícipes do processo discursivo.

Defendemos que, em certa medida, existe uma sustentação das relações sociais a partir desses códigos, divulgados e traduzidos por componentes de uma operacionalização imposta por um sistema capitalista, uma vez que gera o simulacro do desejo do consumo da ‘verdade’ científica. O real ou a ‘verdade’ científica também é produzida com a contribuição dos selos postais comemorativos, sejam eles constituintes de acervos individuais ou coletivos, privados ou públicos.

A nossa pesquisa mostrou que a científicidade ilustrada por meio dos selos postais comemorativos brasileiros, emitidos no século XX, é do tipo clássica, linear. A ciência clássica interessava-se pela regularidade, pela linearidade. O nosso *corpus* mostrou um tipo de discurso científico em que a irregularidade científica parece não existir. Mas, na verdade, a linearidade e o determinismo não são a regra e sim a exceção. Os selos postais detêm, na sua minúscula



textualidade, uma incontável variedade de signos, que deixaram de ser apenas signos e são transformados em veículos de transmissão de verdades estabelecidas, de significações de mundo e de sentidos socialmente construídos. Isso implica dizer que os signos são mutáveis na ação social.

Vemos o selo postal como uma manifestação material humana. Não nos interessa olhar para esse artefato no sentido de condenar ou absolver os seus atributos discursivos, mas de enaltecer os lugares possíveis de expressão subjetiva, das transmutações históricas, das figuras do pensar e do sentir humanos. Não vemos nesses *media* apenas uma imagem ou uma frase, mas distintas qualidades verbovisuais que, entrelaçadas em um processo discursivo, garantem a circulação de significantes.

Um resultado satisfatório deste estudo tem relação com o fato de que desenvolvemos as condições necessárias para que tanto os pesquisadores quanto o público não pesquisador tenham a possibilidade de olhar atentamente ao selo postal como um artefato que difunde ciência a partir de estratégias discursivo-textuais específicas e, por conseguinte, considerá-lo integrante do gênero divulgação científica. Mas, também podemos olhar esse artefato como memória sociocientífica, objeto que registra o fato, a memória, impedindo o acontecimento do esquecimento.

Por fim, defendemos a utilização do selo postal também como instrumento pedagógico, como uma ferramenta de fácil manuseio, custo baixo, que provoca o processo criativo e auxilia na leitura das realidades possíveis. Os selos postais permitem mediar essas realidades, assim como fazem outros *media* (fotografia, cinema, novela, romances etc.).

Referências

- ALMEIDA, Cícero Antônio de; VASQUEZ, Pedro Karp. **Selos postais do Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2003.
- ALTMAN, Dennis. **Paper ambassadors**: the politics of stamps. North Ryde: NSW, 1991.
- CHASSOT, Attico. **A Ciência é masculina?** 3. ed. São Leopoldo: UNISINOS, 2007.
- FERREIRA, Luis Eugênio. **Um certo olhar pela Filatelia**. Lisboa: Clube Nacional de Filatelia, 2003.
- GOMES, I. M. A. M; SALCEDO, D. A. A divulgação da informação científica no Jornal do Commercio. **Ícone**. Recife, v. 1, n. 8, p. 80-88, 2005.



GONTIJO, Silvana. **O livro de ouro da comunicação**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

JONES, Robert. Heroes of the Nation? The celebration of scientists on the postage stamps of Great Britain, France and Germany. **Journal of Contemporary History**, London, v. 36, n. 3, p. 403-422, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 2006.

LICHACOWSKI, André. As flores nos selos postais. **Repórter Filatélico**, Curitiba, n. 3, mar., p. 5-8, 1958.

MARSON, Izabel Andrade. **Selos comemorativos**: fragmentos da história do Brasil. São Paulo: Empresa das Artes, 1989.

MEYER, Peter. **Catálogo de Selos do Brasil**. 49. ed. São Paulo: RHM, 1993.

_____. **Catálogo de Selos do Brasil: 1843 a 07/2007**. 56. ed. São Paulo: RHM, 2008.

MOTOYAMA, Shozo. **Prelúdio para uma História**: ciência e tecnologia no Brasil. São Paulo: EDUSP, 2004.

NAGAMINI, Marilda. 1808 - 1889: ciência e técnica na trilha da liberdade. In: MOTOYAMA, Shozo. **Prelúdio para uma História**: ciência e tecnologia no Brasil. São Paulo: EDUSP. p. 135-183, 2004.

SALCEDO, Diego Andres. A visibilidade da Ciência nos selos postais comemorativos. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM CULTURA VISUAL. 1, 2008, Goiânia. **Anais...** Goiânia, UFG, 10 p, 2008.

_____. A ciência nos selos postais comemorativos brasileiros: 1900-2000. Recife: EDUFPE, 2010). (Coleção Teses e Dissertações, 48).

SCOTT, David. Stamp semiotics: reading ideological messages in philatelic signs. In: RAUCH, Irmengard; CARR, Geral F. (Eds.). **Semiotics around the World**: synthesis and diversity. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

_____. Semiotics and Ideology in Mixed Messages: the postage stamp. In: HEUSSER, Martin, et al. **The Pictured Word - Word and Images**: Interactions 2. Amsterdã: Rodopi. p. 301-313, 1998.